

### 3

## As Abordagens do Estruturalismo

O obstáculo inicial, quando se estudam os nomes compostos, como já se viu, reside na dificuldade de delimitar seus contornos, pois, quando se vai às gramáticas, o que se encontra como definição estabelece como nome composto a “criação de uma palavra nova composta por meio de duas outras cuja significação depende da que encerram suas componentes” (Bechara, 1983: 175); a criação de "palavras novas combinando vocábulos já existentes" (Luft, 1976: 71); a palavra criada pela "reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passe a formar um todo com significação nova." (Lima, 1984:173) e outras mais ou menos semelhantes. Mas estas definições se revelam insatisfatórias quando se tenta distinguir este tipo de entidade – o nome composto – de outras, existentes na língua, que envolvam mais de uma palavra, como as locuções e outras expressões idiomáticas. Ou seja, o problema está em se definir a **palavra**, já que o nome composto é definido como **uma palavra que se forma de outras palavras pré-existentes**. A definição rigorosa de um nome composto exige, como se vê, que se contemple a definição de **palavra**.

As palavras são entidades lingüísticas de que nos servimos cotidianamente. Mesmo uma pessoa não-alfabetizada é capaz de reconhecer uma palavra de sua língua dentro de um enunciado, pois há, nos falantes, uma forte intuição de que palavras sejam espécies de unidades menores, com as quais se constroem as frases. Contudo, considerado sob prisma científico das abordagens da Lingüística, o conceito de palavra tem suscitado controvérsias e não há, entre os estudiosos, um consenso sobre sua definição. Já houve mesmo quem propusesse o banimento deste termo da nomenclatura da Lingüística e quem sugerisse o abandono deste conceito, segundo Biderman (1999: 81). Entretanto, em torno da idéia de **palavra** e de **frase** se constrói a gramática tradicional, daí a importância desta entidade para os estudos lingüísticos.

A dificuldade de se definir a palavra, segundo Câmara Jr. (1970), se deve, em parte, ao fato de nossas gramáticas sempre terem tomado como seu ponto de

partida a língua escrita. E como, na escrita, são nítidos os espaços em branco entre os conjuntos de letras que delimitam as palavras, a questão da apreensão da palavra dentro do enunciado não apresenta problema. A grande dificuldade surge, segundo o autor, no âmbito da língua oral, onde vocábulo significa duas entidades diferentes: o **vocábulo fonológico** e o **vocábulo mórfico (ou formal)**. O **vocábulo fonológico** delimita-se, segundo o lingüista, por uma pausa espontânea na cadeia da fala; o **mórfico** é aquele que se individualiza pela correspondência entre um segmento fônico e seu significado na língua. E, apesar de haver certa correspondência entre estas duas entidades, elas nem sempre apresentam correspondência absoluta. Esta falta de coincidência entre o plano fonológico e o mórfico é o grande argumento para que alguns sustentem o caráter convencional do vocábulo, segundo Mattoso (1969: 87). Mas o vocábulo não é uma mera convenção: nem olhado pelo prisma dos estudos gramaticais, nem considerado pelo senso comum.

Pode haver, segundo Mattoso Câmara, dentro de um vocábulo fonológico, mais de um vocábulo mórfico, como, por exemplo, se observa na expressão *de frente (difrenti)*, que é emitida pelo falante e percebida pelos seus interlocutores como uma seqüência ininterrupta.

De acordo com o autor (1991: 35), em português, o vocábulo fonológico depende da força da emissão de suas sílabas, pois os espaços em branco entre as palavras, claramente observáveis na escrita, não coincidem com a interrupção da emissão de voz, na língua oral. Na verdade, o fator que rege as interrupções da emissão é, segundo ele, a formação dos “grupos de força”. Estes, dentro da frase, constituem, como se explica no Dicionário de Filologia e Gramática, do mesmo autor (1968: 180), “um conjunto fonético significativo, enunciado sem pausa, intercorrente e subordinado a um acento tônico predominante, que é o do vocábulo mais importante do grupo.” Entre um substantivo e um adjetivo que o determina não se faz nenhuma pausa. Assim, *campo aberto e grande homem*, exemplos do autor, constituem, fonologicamente, uma seqüência ininterrupta na fala, são *grupos de força*; mas abrangem, cada um deles, mais de um vocábulo formal.

Mattoso Câmara mostra que, assim como se pode ter um vocábulo fonológico para dois vocábulos formais, pode também haver o oposto, isto é, dois

vocábulo fonológicos que constituam um único vocábulo mórfico, como é o caso de *guarda-chuva*, pois, embora os componentes *guarda* e *chuva* guardem, cada um deles, um significado específico, a unidade **guarda-chuva** não se confunde com nenhum de seus dois componentes.

A pauta acentual de *guarda-chuva*, uma palavra composta, é a mesma de *grande chuva*, um sintagma comum, como nos ensina o autor (1970: 60). Segundo ele, “Uma sílaba emitida com força excepcional pode ser precedida de outras, cujo número é muito variável, onde o acento é muito fraco. E pode ser seguida de mais uma ou mais duas, ainda de emissão mais débil.” Atribuindo-se às sílabas números proporcionais a esta diferença de intensidade na emissão, ter-se-ia, tanto para *guarda-chuva* quanto para *grande chuva*, um quadro semelhante, como se vê em (1) e (2):

(1) guar<sup>2</sup> da<sup>0</sup> chu<sup>3</sup> va<sup>0</sup>

(2) gran<sup>2</sup> di<sup>0</sup> chu<sup>3</sup> va<sup>0</sup>

Segundo Mattoso, na língua escrita, o hífen faz o papel de registrar o compromisso entre o critério mórfico e o fonológico, ou seja, indicar que os dois vocábulos fonológicos *guarda* e *chuva* representam um único vocábulo mórfico. Porém, além de não haver coerência no sistema ortográfico português quanto ao emprego do hífen nas palavras compostas, pois há muitas em que ele não figura, a presença deste sinal, caso fosse suficiente para caracterizar um composto, seria um critério restrito à língua escrita. A dificuldade, portanto, persiste: através de que critérios se pode estabelecer que *guarda-chuva* é uma palavra composta? Antes de tudo, é importante que se estabeleça o que seja, em português, uma palavra.

### 3.1

#### O Conceito de Palavra

A palavra, na Gramática Tradicional, era considerada a unidade mínima da análise lingüística. No estruturalismo, entretanto, instituiu-se o morfema como foco da descrição lingüística e a palavra deixou de ser elemento relevante na

estrutura da língua. Quando a identificação de morfemas passou a ser o objetivo da análise morfológica, perdeu-se, segundo Basílio (2000), a “clareza sobre a razão de ser da palavra como unidade estrutural”. Segundo a autora, esta é uma situação desfavorável para a morfologia, já que sua área de investigações é delimitada pela **palavra** como unidade estrutural, pois ligam-se diretamente a este conceito as divisões da morfologia, que incluem a composição, a derivação e as flexões.

Um critério para a apreensão de vocábulos formais foi estabelecido pelo lingüista norte-americano Leonard Bloomfield (Apud Mattoso Câmara, 1950: 59). Distinguem-se, segundo Bloomfield, dois tipos de unidades formais em uma língua: as formas **livres** e as formas **presas**. São livres as que podem funcionar isoladamente, ou seja, podem, sozinhas, constituir um enunciado. A palavra **não**, por exemplo, dita em resposta a uma pergunta, constitui comunicação plena e exemplifica, portanto, uma **forma livre**. É o que ocorre em (3).

(3) – Deseja adquirir nosso produto?

– Não.

Formas **presas** são todas aquelas que só podem aparecer ligadas a outras, como ocorre com os afixos e com os radicais presos. Em **infeliz** e **agrotóxico**, por exemplo, os elementos **in-** e **agro-** exemplificam as **formas presas**.

Mattoso Câmara ampliou este conceito, definindo como formas **dependentes** aquelas que também não constituem, quando isoladas, um enunciado, mas que, comparadas às formas presas, apresentam dois traços de maior liberdade: em relação à palavra a que se ligam, podem ocupar diferentes posições, ou aceitam intercalação de elementos. Trata-se das partículas proclíticas e enclíticas, das preposições, da palavra **que** e de outras, como se pode observar nos exemplos de (4) a (9).

(4) Ela **me deu** nova esperança.

(5) Ela **deu-me** nova esperança.

(6) Estou **com raiva**.

(7) Estou **com** muita **raiva**.

(8) **Que dia!**

(9) **Que lindo dia!**

Assim, com base no conceito de **formas dependentes**, as partículas de significado exclusivamente gramatical também constituem vocábulos mórficos. São vocábulos mórficos que não são vocábulos fonológicos, segundo o autor.

Voltando-se à definição de palavra: Mattoso Câmara (1991: 37) conclui, com Bloomfield, que o vocábulo formal é “a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres”, como se observa em *luz*, *im-pre-vis-ível* ou *in-feliz*. Resumindo, poderíamos dizer que são **palavras**, em português, segundo Mattoso Câmara a) as formas livres de Bloomfield (seguidas ou não de formas presas) e b) as formas dependentes, como os clíticos. (1969: 88)

Se considerarmos, por exemplo, a expressão *grande chuva*, na frase “Caiu sobre a cidade uma grande chuva.”, podemos depreender *grande* e *chuva* como **duas palavras**, apesar de a expressão apresentar a mesma pauta acentual de *guarda-chuva*, por identificarmos, no sintagma nominal, duas **formas livres**.

No entanto, quando se consideram os compostos, o impasse não se resolve. Em *guarda-chuva*, temos a combinação de dois vocábulos formais, que funcionam na língua como **formas livres**. Mas o todo é indivisível, cristalizado. A supressão de um dos elementos, a alteração na ordem dos dois componentes ou a intercalação de algum outro elemento descaracterizariam este nome.

Vê-se, assim, que estabelecer com precisão o conceito de palavra composta não é tarefa simples, pois qualquer tentativa nesse sentido deve se apoiar na definição de palavra. A distinção entre o **vocábulo mórfico** e o **fonológico** e a conceituação de **formas livres, presas e dependentes**, embora sejam valiosas contribuições dos teóricos estruturalistas no que se refere ao conceito de palavra, não são suficientes para resolver o dilema de se definir uma **palavra composta** em contraste com outros grupos de palavras, como as locuções.

### 3.2

#### Compostos e Locuções

Tanto os compostos quanto as locuções são certos agrupamentos de palavras que, na língua, funcionam em bloco, e as lições das gramáticas não esclarecem em definitivo a diferença entre os dois. Algumas locuções correspondem a preposições, a conjunções, a verbos e não se confundem com os nomes compostos. Mas, quando se trata de locuções nominais, é difícil defini-las como entidades lingüísticas nitidamente diversas dos nomes compostos. Em alguns contextos, a percepção de uma seqüência de palavras como um composto ou como um sintagma comum pode mesmo envolver confusão de sentido e dificuldade de interpretação. Tome-se como exemplo a seguinte nota, publicada na revista “Isto é” nº 1804, de 5 de maio de 2004:

(10) A **pastora alemã** Libby, que vive na Inglaterra, virou notícia e passou por uma delicada cirurgia. Motivo: engoliu 28 bolinhas de golfe.

O leitor, após um instante de estranhamento diante da notícia, percebe que o acontecimento se deu com um cão da raça **pastor alemão**. Certos aspectos do texto, como o nome Libby em lugar de um sobrenome e o próprio fato em si - alguém ter engolido bolinhas de golfe - afastam a possibilidade de se pensar que o paciente da cirurgia tenha sido uma mulher. Mas, em outros contextos, a interpretação do grupo **pastor alemão** poderia ser menos óbvia. Imagine-se uma manchete jornalística como

(11) **Pastor alemão** escorraçou funcionário dos Correios.

Afinal, como a ambigüidade, em muitos casos, é proposital e visa instigar a curiosidade do leitor pela notícia, os dois sentidos seriam plausíveis. Um cachorro feroz tentou atacar um carteiro? Ou alguma atitude do funcionário dos Correios foi tão atrevida que despertou a ira do líder religioso? A primeira ou a segunda interpretação depende de que o leitor sinta o conjunto de palavras **pastor alemão**

como um nome composto ou como um sintagma comum - uma expressão formada por um substantivo seguido de um determinante. Eis uma ambigüidade que, na escrita, poderia ser evitada se houvesse regras ortográficas claras a respeito do uso do hífen entre os elementos de um composto.

Os nomes compostos são definidos por Mattoso Câmara como palavras formadas pela "reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova" (1968, p. 88).

O mesmo autor (p. 230) apresenta o conceito de **locução** como a "reunião de dois vocábulos que conservam individualidade fonética e mórfica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função". As duas definições se parecem e não configuram nitidamente uma entidade em oposição à outra.

O lingüista cita, dentre outros tipos, a **locução nominal**, na qual, "além de haver justaposição, o primeiro vocábulo tem necessariamente flexão de plural". Mattoso dá como exemplo deste tipo de locução as expressões *via férrea* e *estrada de ferro* e suas formas pluralizadas *vias férreas* e *estradas de ferro*. Mas não fica claro para o consulente do *Dicionário de Filologia e Gramática* qual aspecto das locuções nominais o autor está preocupado em sublinhar, ao mencionar a necessária flexão do primeiro vocábulo do conjunto.

Outros autores dão definições muito semelhantes a estas e não lhes acrescentam informação nova ou traço definidor que nos permita distinguir um **composto** de uma **locução**.

Monteiro (2002: 186) define as locuções com sendo a combinação de "dois ou mais vocábulos com autonomia fonética e morfológica que apresentam uma unidade de significação" e acrescenta que "Em cada classe gramatical, podemos encontrar locuções correspondentes a vocábulos simples". O autor dá exemplos de locuções verbais (tinha feito = fizera); de locuções adjetivas (fome de cão = fome canina); de locuções adverbiais (todos os dias = diariamente)

Na prática, observa-se nos falantes a tendência a considerar certas locuções adverbiais como um todo inseparável, a ponto de as escreverem sem intervalo, como se elas constituíssem um único vocábulo mórfico, como acontece, freqüentemente, com as locuções *de repente* (*derrepente*) e, mais recentemente, *com certeza* (*concerteza*), para citar exemplos recolhidos em muitas redações de

exames vestibulares. Ou seja: para o falante, em alguns casos, locuções e nomes compostos se confundem.

No *Dicionário de Lingüística* (DUBOIS, J. et alii.:1980), o verbete onde se define a **locução** também ressalta que, neste tipo de agrupamento de palavras, há um caráter de "grupo estereotipado a que correspondem palavras únicas". Nos exemplos, apresentam-se:

- a) *em vão*, locução adverbial, em correspondência com *vãmente*;
- b) *pôr fogo*, locução verbal, em correspondência com *acender*;
- c) *corpo docente*, locução nominal, para a qual não se propõe um equivalente semântico constituído de uma única palavra; mas poder-se-ia substituí-lo pelo coletivo *professorado*.

No entanto, às vezes, certos nomes compostos também podem ser substituídos por uma palavra de sentido mais ou menos equivalente. A palavra *guarda-roupa* pode, em alguns contextos, ser substituída por *armário* ou *roupeiro*; *beija-flor* por *passarinho* etc. Veja-se, por exemplo:

- (12) O *corpo docente* se reuniu na sala do diretor.
- (13) O *professorado* se reuniu na sala do diretor.
- (14) Comprei um *guarda-roupa* usado.
- (15) Comprei um *roupeiro* usado.

Há também expressões consideradas pelas gramáticas pedagógicas como locuções adjetivas – e, portanto, nominais – que não correspondem a palavras únicas existentes na língua. Considerem-se, por exemplo:

- (16) glândula *da mama* / glândula mamária
- (17) fechadura *da janela* / fechadura ?
- (18) pia *de batismo* / pia batismal
- (19) roupa *de ginástica* / roupa ?
- (20) passeio *de bicicleta* / passeio ciclístico
- (21) passeio *de charrete* / passeio ?

Portanto, é necessário que se examinem os compostos à luz de outros critérios, se desejamos diferenciá-los das locuções, já que, em ambos os casos, o falante tem um forte sentimento de unicidade, tanto a respeito de uma expressão recorrente como *corpo docente* quanto a respeito de uma palavra como *guarda-roupa*.

Monteiro, em capítulo dedicado ao processo de composição (2002: 183-189), analisa a identidade dos compostos em contraste com a das locuções e aponta a **ordem fixa dos elementos** como um traço dos nomes compostos, já que estes não permitem a troca de posição de seus formadores sem que isso os descaracterize. O autor demonstra a fixidez da posição dos elementos contrapondo o composto *Mato Grosso* à expressão *mato grosso* em frases como:

(22) \*O *Grosso Mato* ainda crescerá muito.

(23) O *grosso mato* ainda crescerá muito.

O mesmo pode ser observado no caso de *pastor alemão*, na frase

(24) O *pastor alemão / alemão pastor* veio viver no Brasil.

Mas somente poderíamos dizer *pastor alemão* numa frase como

(25) Ele comprou um *pastor alemão* para vigiar sua residência.

No entanto, Monteiro observa que, em algumas **locuções**, a alteração na ordem dos elementos também define sentidos diferentes, como ocorre com *amigo cachorro x cachorro amigo; certo homem x homem certo*. Poderíamos, de fato, citar outros exemplos em que a ordem das palavras da locução cria significados distintos. O par *dia belo* e *belo dia*, por exemplo, expressa duas realidades bem diferentes em frases como:

(26) Num *dia belo* eu a conheci.

(27) Num *belo dia* eu a conheci.

O autor argumenta ainda que há compostos que mantêm o significado, apesar da inversão da ordem dos elementos e cita os casos *franco-italiano / ítalo-francês* e *planalto / altiplano* como compostos que contrariam esta regra.

Monteiro mostra, assim, que a ordem rígida dos constituintes não é um critério por si só suficiente para distinguir compostos de locuções e compara estas duas entidades sob outro critério - o da **impossibilidade de intercalação de elementos** que caracteriza os nomes compostos. O composto *Mato Grosso* não admitiria a inclusão de qualquer palavra em seu interior, enquanto a expressão *mato grosso* poderia ser ampliada com o acréscimo de outros determinantes em relação ao núcleo *mato*. O exemplo do autor é:

(28) *O mato verde e grosso* ainda crescerá muito.

Em relação a *pastor alemão* também não seria possível dizermos:

(29) \*Comprei um *pastor bravo alemão* para vigiar minha casa.

Mas poderíamos perfeitamente dizer:

(30) Aquele *pastor simpático alemão* veio viver no Brasil.

Monteiro também menciona como critério diferenciador, citando Mattoso Câmara: a **impossibilidade de se suprimir algum elemento** de um nome composto sem que isto signifique descaracterização do mesmo, já citada neste trabalho. Ele sugere que se examinem comparativamente as seguintes frases:

(31) O *\*Mato* ainda crescerá muito.

(32,) O *mato* ainda crescerá muito.

Monteiro considera que esse critério não esteja livre de críticas, sob o argumento de que há dois tipos de compostos nos quais a significação se mantém, apesar da supressão de um de seus elementos. Um deles representa-se pelos compostos personativos, já que é comum chamarem-se por apenas um dos nomes

as pessoas que têm nomes combinados, como *Antônio Augusto*: elas atendem normalmente quando chamadas por um destes dois nomes, *Antônio* ou *Augusto*. Na imprensa moderna, vê-se freqüentemente o nome *Belô* em lugar de *Belo Horizonte*.

O segundo caso considerado por Monteiro é o de compostos alógenos, como *fotografia* ou *telefone*, que são freqüentemente referidos como *foto* e *fone*.

Monteiro também alega que algumas locuções não admitem a supressão de um de seus elementos, sem que o todo sofra prejuízo quanto ao significado, e cita como exemplo as locuções adverbiais, conjuntivas e pronominais.

A impossibilidade de supressão de um dos componentes não seria, portanto, um traço que discriminasse com precisão os **compostos** das **locuções**.

O autor inclui neste último caso palavras como *pé-de-moleque* e *unha-de-fome*, que seriam locuções nominais e não nomes compostos, segundo ele, quando considerados do ponto de vista mórfico. Tais locuções, como os nomes compostos, também não admitiriam a supressão de qualquer de seus elementos. De fato, a simples menção a *pé*, ou a *moleque*; a *unha* ou a *fome* não evocaria o nome do doce de leite com amendoim ou a expressão popular rotuladora do homem sovina.

Os dois produtos e muitos outros com a mesma estrutura, como *olho-de-sogra* – este um exemplo clássico de nome composto evocado por todo falante de português – são citados, entretanto, na relação de exemplos de nomes compostos de todos os gramáticos.

Tanto Monteiro quanto Bechara, em sua última gramática, referem-se a essa questão e citam a não-inclusão dos grupos deste tipo no rol dos nomes compostos, como já mencionamos neste trabalho.

Bechara (1999: 352) separa os compostos do grupo das *sinapsias* (ou *lexias complexas*, para Pottier) e considera como **compostos** as formações constituídas pela “junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante”, como *papel-moeda* ou *boquiaberto*; e como **sinapsias** as que envolvem mais de dois elementos, como *negócio da China*, *pé-de-chinelo*.

Pela análise de seus exemplos, vê-se que a presença dos transpositores (as preposições) exclui da categoria de nomes compostos várias formações

tradicionalmente apresentadas como exemplos do processo de composição. E, na mesma lição, ao apresentar as características das sinapsias, Bechara, citando Benveniste, cita a presença de transpositores como um dos traços caracterizadores das **sinapsias** em contraste com os nomes compostos. No entanto, o próprio Bechara admite que algumas características apontadas nas sinapsias o são também dos nomes compostos, o que reforça a dificuldade de se distinguirem as duas entidades.

Neste ponto, convém que nos detenhamos sobre o que dizem os lingüistas a respeito do papel da preposição em português, em especial o da preposição **de**, que é a que mais freqüentemente aparece nas combinações deste tipo.

Em seu *Dicionário de Lingüística* (1968: 292), Mattoso Câmara ensina que as preposições são “morfemas de relação” que servem para subordinar um substantivo a outro ou a um verbo. Ainda segundo lição do mesmo autor, já mencionada neste trabalho, a preposição, sendo uma forma dependente, é uma palavra, mas não pode constituir, por si só, um enunciado; logo, estará sempre ligada, semântica e sintaticamente, a outra palavra do enunciado. O seu papel é, portanto, sintático e consiste em relacionar, como um instrumento gramatical, o termo determinante ao determinado, seja nas locuções adjetivas dos grupos sintáticos comuns, como *bagagem de mão*, *pão com manteiga*, seja nos nomes compostos, como *olho-de-sogra* ou *pé-de-moleque*. Não nos parece, assim, que a presença da preposição deva ser considerada como um traço que exclua estas formações do grupo dos nomes compostos. E, como já foi mencionado neste trabalho, alguns nomes compostos, como *beira-mar* e *pontapé*, citados pelo professor Said Ali, e *cavalo-vapor*, citado por Bechara, incluíam, originalmente, a preposição **de** entre seus dois componentes (*beira-de-mar*, *ponto-de-pé*, *cavalo-de-vapor/cavalo-a-vapor*). Se, posteriormente, devido a evolução fonética, este elemento desapareceu e esses conjuntos de elementos ganharam nova forma, não se justifica que *beira-mar*, *pontapé* e *cavalo-vapor* percam seu status de nomes compostos. Também não é cabível dizer que somente passaram a constituir exemplos de composição após perderem a preposição.

Monteiro, na tentativa de uma definição do composto do ponto de vista **morfológico**, institui como tal o vocábulo que admitir a pluralização apenas do último elemento, como *vaivéns*, *auriverdes*, *aguardentes*, *beija-flores*,

*malmequeres e madressilvas*. Neste caso, segundo ele, seriam **locuções** ou **grupos sintáticos** as formações como *mulas-sem-cabeça, salários-família, amores-perfeitos, quintas-feiras, decretos-leis, escolas-modelo, cabras-cegas, pés-de-moleque, pores-de-sol*.

Neste ponto, cabe voltarmos à definição de **locução nominal** apresentada por Mattoso Câmara, já citada neste trabalho, pois ele ressalta em seu verbete do *Dicionário* (1968: 231) a necessária flexão de plural no primeiro elemento como uma característica importante destas combinações de palavras. Entende-se que este seria um traço diferenciador entre as locuções e outras formações que com elas não devam ser confundidas, como os nomes compostos. Parece haver, quanto a este aspecto, em ambos os lingüistas, o respeito à idéia de que uma **palavra**, em português, não pode apresentar uma desinência de plural em seu interior. E, de fato, os únicos casos que se conhecem em nossa língua são o pronome *qualquer*, que tem como plural a forma *quaisquer*, com a desinência dentro do vocábulo; e, além deste, os diminutivos plurais do tipo “*iguazinhos*”, em que a semivogal /i/, pertencente à desinência -is, se coloca entre o radical e o sufixo -zinho.

Resumindo, Monteiro apresenta como nomes compostos, do ponto de vista morfológico:

- a) Aqueles que têm seus componentes aglutinados, como *planalto* e *aguardente*.
- b) Os que se formam pela união de dois adjetivos, como *luso-brasileiro* e *verde-claro*.
- c) Os que unem um componente invariável a um substantivo, como *ave-maria* e *vice-rei*.
- d) Aqueles que unem um advérbio a um adjetivo, como *sempre-viva*.
- e) Os formados de verbo seguido de substantivo, como *guarda-roupa*.
- f) Os formados por bases não autônomas, como *filósofo* e *uxoricídio*.

Um aspecto importante da questão é o de se compreender a natureza do mecanismo de composição de palavras como um processo de natureza morfossintática, como observam alguns autores, como Basílio (2003), Bechara (1999), Monteiro (2002) e Biderman (1999). A gramática tradicional sempre estudou a composição como um capítulo da morfologia. No entanto, ao se

observarem estas formações, identificam-se claramente, em todas elas, alguns traços de comportamento sintático. Ao se examinarem palavras compostas resultantes da combinação de um determinante com um determinado, do tipo *amor-perfeito*, *segunda-feira* e *Nossa Senhora* vê-se a presença da concordância nominal. Naqueles formados pela combinação de verbo com substantivo, do tipo *bate-bola* e *guarda-roupa*, o substantivo figura como objeto direto do verbo. Aqueles que incluem em sua formação um elemento invariável, como o advérbio, mantêm-no invariável mesmo quando o composto é pluralizado, como *sempre-vivas*, *bem-aventurados*, *vice-reis* e outros. Os que se formam pela união de dois substantivos com auxílio de preposição, como *mula-sem-cabeça*, *pé-de-moleque*, etc. ao passarem para o plural, ganham a desinência *-s* somente no primeiro elemento; nestes, o processo de subordinação do segundo substantivo, através da preposição, ao primeiro, reproduz, como em outros sintagmas nominais, a subordinação do adjunto adnominal ao núcleo.

Assim, vê-se que o mecanismo da composição deve ser estudado como um processo morfológico e sintático.

A esse respeito, manifestou-se brilhantemente o lingüista Benveniste, citado por Bechara em sua última Gramática (1999: 353):

Os compostos representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como sempre é apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, como seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal.

Como já se disse neste trabalho, muitos, dentre os exemplos de nomes compostos citados nas gramáticas, apresentam relações de concordância e regência próprias da sintaxe e não se formaram, portanto, segundo as leis da

morfologia. O estudo do processo de composição sob este prisma pode solucionar a dificuldade de distinção entre compostos e locuções nominais.

Os conceitos dos estudos estruturalistas, como o de **vocábulo mórfico** e **vocábulo fonológico**; e a compreensão de que há palavras que são **formas livres**, outras que são **formas presas** e outras, ainda, que são **formas dependentes**, tais conceitos, por si sós, não esclarecem as dúvidas quanto à natureza gramatical de um nome composto. O conceito de **morfema** tampouco contribui para a elucidação das questões suscitadas nas gramáticas sobre a identidade destas formações. É, por isso, necessário que se contemplem outras abordagens, caso se queira obter respostas para todas as questões ainda sem solução acerca do processo de composição de palavras.